

A INCOMPETÊNCIA POLÍTICA FAZ O PREFEITO GENERAL SILVA E LUNA PERDER POPULARIDADE



■ O general pode até continuar acreditando que está vencendo a guerra, mas nas ruas a batalha já está perdida. Foz do Iguaçu está cansada de promessas e cronogramas. Não há vitória possível quando o comandante não sabe onde está o inimigo, nem onde pisa

■ Páginas 3, 4 e 5



Cinco vereadores parecem ovelhas no curral do general Silva e Luna

PRETO NO BRANCO

UM PARAQUEDISTA NA COMUNICAÇÃO

Chegou de Toledo o novo secretário de Comunicação da prefeita. Cleberson Belino, nome bonito, currículo nem tanto conhecido por aqui. O desafio? Vender um governo que já passou da validade. Depois da era Zisman, um verdadeiro tutorial de como não se comunicar, o novo secretário herda um cenário de terra arrasada, onde a credibilidade virou pó e o discurso institucional soa como autoajuda de almanaque. Se conseguir fazer milagre, merece um prêmio. Se não, pelo menos aprende onde fica o terminal de ônibus.

O PREFEITO E O GPS DAS UPAS

O prefeito Joaquim Silva e Luna foi pra TV, e parece que esqueceu o caminho de casa. Na entrevista à Globo, confundiu UPA com UBS, bairro com bairro e deixou a impressão de que as novas unidades de saúde vão nascer por obra do Espírito Santo. Quem viu o vídeo sentiu aquele mix de vergonha alheia e incredulidade. Mais de 100 mil visualizações depois, a dúvida permanece: ele não sabia onde seriam construídas as UPAs... ou não sabia o que é uma UPA?

A MATEMÁTICA DO PODER

Em Foz, a conta já não fecha pro governo Silva e Luna. 60% da Câmara não se curva mais ao prefeito. Dos 15 vereadores, 9 talvez 10 - já entenderam que o vento mudou de direção. O povo foi pra rua, o aplauso virou vaia e o castelo da autoridade do prefeito começou a trincar. Quem antes batia continência, agora mede distância. E, no ritmo que vai, o prefeito pode acabar precisando de quórum até pra inaugurar placa.

O GOLE AMARGO

Uma mulher de 31 anos foi parar sob suspeita de intoxicação por metanol. A bebida? Todo mundo em Foz sabe de onde saiu. Mas ninguém ousa dizer em voz alta. A Secretaria de Saúde acompanha o caso, e o povo acompanha de longe, porque em Foz, quando o álcool é barato demais, o risco costuma ser caro. Fica o alerta: às vezes o "só mais um drink" pode virar manchete.

VIU O QUE DÁ CONFIAR NAS PESSOAS ERRADAS

O representante do Prefeito General Silva e Luna na Câmara de Vereadores é o Cabo Cassol. Porquê ele? Simples, a vida inteira prestou continência e falando sim senhor. Já o vice-líder é Sidnei Prestes, sonha em ser líder e ele não mediria esforços em caçar o prefeito para se dar bem na vida.

CABO CASSOL

O Vereador Cabo Cassol, aquele que representa o prefeito e não seus eleitores vem propagando fake news dizendo que um dos vereadores da oposição já teria se vendido para o general e que o G9 não seria mais 9. Afinal ele mesmo (Cabo Cassol) já se "vendeu" para o general quando emplacou a filha do seu ex-assessor (aquele que não tinha 2º grau) com um belo cargo na prefeitura.



Tribuna Popular

Jornalismo sem censura

É uma publicação da E Alliana - ME
CNPJ 37.189.127/0001-00
Telefone (45) 3523-7826 - Foz do Iguaçu / PR
jtribunapopular@bol.com.br

REDAÇÃO

Diretor: Enrique Alliana

Jornalista Responsável:
Enrique Alliana - MTB: 0010793/PR

COMERCIAL

Claudete Desbezel

Impressão: Grafinorte Gráfica

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam a opinião do jornal

A incompetência política faz o prefeito General Silva e Luna perder popularidade

O general pode até continuar acreditando que está vencendo a guerra, mas nas ruas a batalha já está perdida. Foz do Iguaçu esta cansada de promessas e cronogramas. Não há vitória possível quando o comandante não sabe onde está o inimigo, nem onde pisa

Enrique Alliana - Jornalista

Foto: Reprodução

Quem conhece a velha história do militar que treinou a vida inteira para uma guerra que nunca aconteceu? Passou décadas obedecendo cronogramas rígidos, tipo "hoje corta grama, amanhã pinta meio-fio" e, ao se aposentar, achava que esse manual de disciplina serviria para qualquer situação. Engano. Fora dos quartéis, descobriu que a vida não se resume a ordens e relatórios. Descobriu também que, nem em casa, era o "comandante". E agora, sentado na cadeira de prefeito, o General Silva e Luna demonstra que o mesmo equívoco se repete e se depara com a realidade. Afinal governar uma cidade não é comandar um pelotão.

Desde o primeiro dia, o general quis vender a imagem do gestor eficiente, austero e técnico. Na sua estreia midiática, afirmou em entrevista à Globo que "a cidade tinha dinheiro sobrando" e que em novembro inauguraria a trincheira do antigo trevo do CTG Charrua. Passados os meses, o discurso revelou-se oco. A trincheira virou promessa esquecida, o dinheiro sumiu em meio a cronogramas e reuniões improdutivas, e a cidade continuou a mesma, ou pior.

Os eleitores que acreditaram na austeridade como sinônimo de progresso hoje colhem a frustração de um governo travado pela arrogância e pela inexperiência política. O que era para ser um "choque de gestão" virou um desfile de trapalhadas administrativas. O



general, que se gabava de ter passado 30 anos "fazendo asfalto na Amazônia", não consegue sequer tapar os buracos das ruas de Foz do Iguaçu.

Ironia cruel

O especialista em asfalto não sabe lidar com os buracos das vias e nem mesmo dos buracos da própria gestão. Uma ironia cruel.

Em dez meses de mandato, o que se viu foi uma prefeitura transformada em quartel: ordens de cima para baixo, reuniões longas e improdutivas, promessas que soam como relatórios de missão cumpridas mas sem resultado algum. E quando a popularidade desaba, o prefeito age como um comandante em pânico, procurando culpados. Demitiu o Secretário de Comunicação, como se a crise de imagem fosse culpa de quem divulga, e não de quem governa.

Numa nova entrevista, o prefeito General Silva e Luna teve a ousadia de afirmar que "não errou em nada" e que até agora foram "só acertos". Difícil acreditar. Basta andar pelas ruas para perceber a distância entre o discurso e a realidade. Buracos por todos os lados, praças abandonadas, filas intermináveis nos postos de saúde e uma população cansada de ouvir justificativas. O prefeito parece viver em um mapa de guerra, sem contato com o campo de batalha real. No final a cidade que sofre com o abandono e a ineficiência.

Cercado por assessores militares, o general vive num bunker político, protegido da crítica e isolado da população. O resultado é previsível: um governo sem diálogo, sem empatia e sem resultados. Enquanto isso, vereadores que antes o aplaudiam agora en-

saiam distância. A paciência política, assim como a popularidade, tem prazo de validade.

Hoje é o povo que distribui cartões vermelhos diariamente à gestão Silva e Luna na Rede Globo e nas redes sociais. Nas ruas, os comentários são de indignação. Amanhã, quem poderá fazê-lo são os próprios vereadores, caso a crise continue. Afinal, eles também se sentem enganados por quem prometeu austeridade e entregou paralisia.

Para completar o enredo tragicômico, em entrevista à Rádio Cultura, o general afirmou que "todas as áreas da administração evoluíram 50% nos últimos dez meses, mas isso não foi bem comunicado". Ou seja: o problema não é o fracasso da gestão, é a "falta de comunicação". É o tipo de raciocínio que só convence quem nunca andou pela cidade. Se houvesse evolução de

50%, não faltariam medicamentos, nem haveria ruas esburacadas, nem a população estaria revoltada com o abandono.

Essa insistência em negar a realidade é o retrato da incompetência travestida de autoridade. O general confunde comando com liderança. No quartel, basta dar ordens. Na política, é preciso ouvir, compreender, negociar. No quartel, quem desobedece é punido. Na política, quem erra é cobrado. E o povo, ao contrário dos soldados, não aceita imposições e cobra resultados.

A cada nova entrevista, o prefeito se afasta ainda mais da verdade e da população. O discurso disciplinado já não convence. A retórica militar perdeu o brilho diante do fracasso administrativo. O que era para ser exemplo de seriedade virou piada de esquina. E o que era para ser um governo austero virou sinônimo de teimosia e desgoverno.

Quem achava que seria "ovacionado" pelo povo pode acabar levando "ovada". E com razão. Porque a incompetência, quando disfarçada de liderança, engana por pouco tempo. No fim, o aplauso vira protesto, o discurso vira deboche e o sonho de ser celebrado se transforma em vexame público. O general pode até continuar acreditando que está vencendo a guerra, mas nas ruas a batalha já está perdida. Foz do Iguaçu, cansada de promessas e cronogramas, já decidiu: não há vitória possível quando o comandante não sabe onde está o inimigo, nem onde pisa.

A saúde pública de Foz do Iguaçu nas mãos de um general

A cidade parece que tem um general que resolveu colecionar bizonhices no currículo. Isolado numa bolha política, cercado por assessores que só confirmam suas próprias ilusões e age como se fosse um governante completamente desconectado da realidade da população

Da assessoria

Foto: Reprodução

Quando Joaquim Silva e Luna, o general que já havia passado pelo comando da Itaipu Binacional e até pela Petrobras, decidiu disputar a prefeitura de Foz do Iguaçu, a promessa era de austeridade, organização e, claro, eficiência. Afinal, quem melhor do que um militar de alta patente para "colocar ordem na casa"?

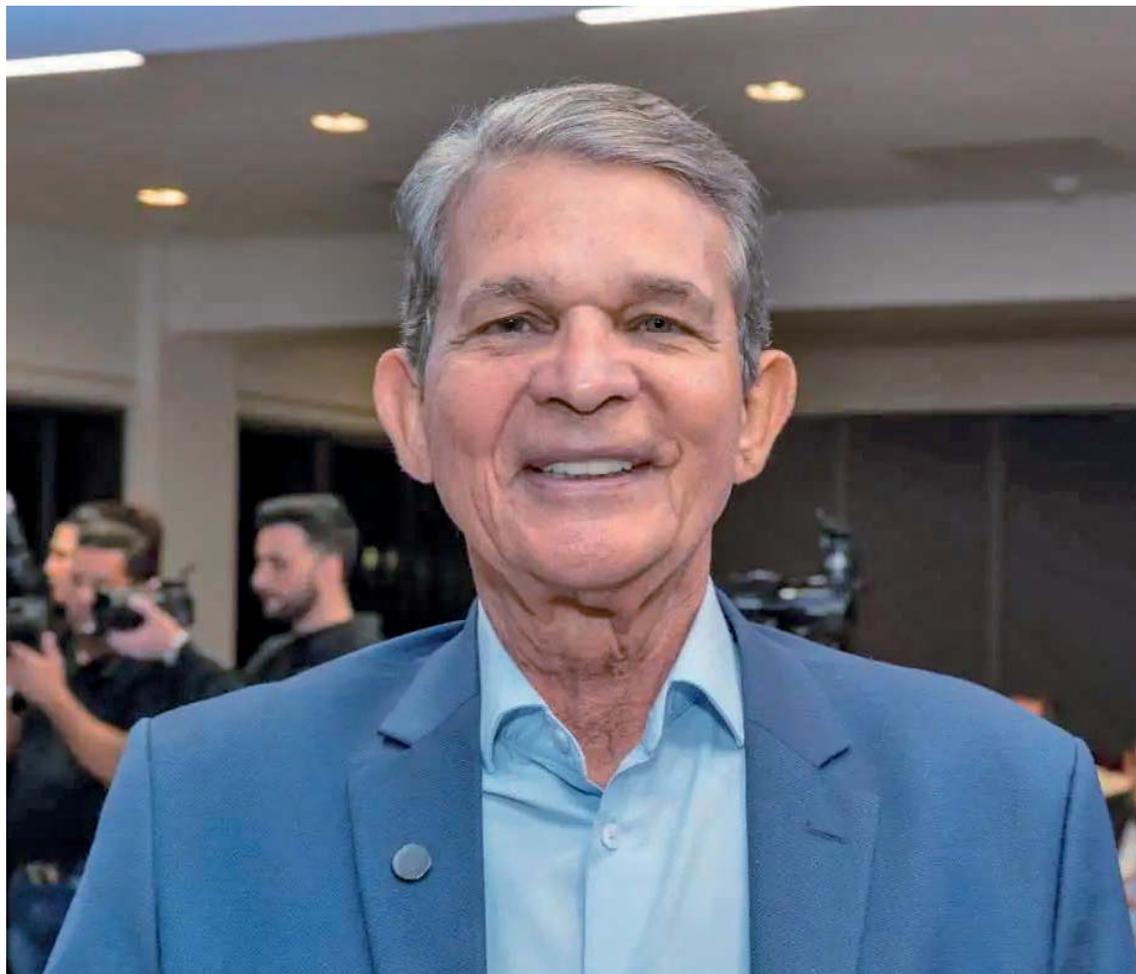
Ledo engano

Foi exatamente com esse discurso que conquistou mais da metade dos eleitores da cidade. Muitos acreditaram que o uniforme, mesmo aposentado, seria capaz de inspirar disciplina e resultados. Ledo engano.

Sucessão de equívocos

Em menos de oito meses de governo, o que se vê é um espetáculo de improvisos, tropeços e uma sucessão de equívocos que fariam corar até o mais inexperiente estagiário de gabinete. O general, que se autoprotomava "especialista em asfalto", não conseguiu sequer tapar os buracos da própria gestão. E não falo apenas dos buracos, que hoje viraram crateras espalhadas pelas ruas da cidade, mas dos abismos administrativos que se abriram em setores fundamentais, como a saúde pública.

O que era para ser um governo de firmeza virou uma caricatura de comando, uma



operação fracassada em todos os sentidos.

General que resolveu colecionar bizonhices

No Exército, quando alguém comete erros infantis, sem preparo ou noção mínima do que está fazendo, ganha o apelido de "bizonho". Pois bem, em Foz do Iguaçu, parece que temos um general que resolveu colecionar bizonhices no currículo. Isolado numa bolha política, cercado por milicos e assessores que só confirmam suas próprias ilusões. O general Silva e Luna age como se fosse um gover-

nante de reality show, completamente desconectado da realidade da população que sofre com filas intermináveis, atendimento precário e falta de estrutura básica nos postos de saúde.

Gestor nota 10?

É quase tragicômico ver um gestor dar nota 10 à própria administração, enquanto cidadãos esperam deitados no chão de uma UPA, como aconteceu recentemente no bairro Morumbi, com uma idosa de 65 anos. Qual seria a avaliação dessa senhora? Nota 10 também? Ou talvez um sonoro zero, que traduz melhor a in-

dignidade de deitar no cimento frio por falta de uma cadeira? Não se trata de um episódio isolado, mas de um retrato cruel de uma gestão que prefere negar o caos a enfrentá-lo.

O general parece acreditar que a prefeitura é um quartel, onde basta dar ordens para que os problemas desapareçam. Mas a cidade não funciona com comandos secos nem com discursos de austeridade decorados. Foz precisa de planejamento, investimento e sensibilidade social, atributos que até agora, não se manifestaram em seu governo. O resultado é uma saúde pública agonizando, servidores des-

motivados e uma população que começa a perceber que a farda não garante competência administrativa.

Incapaz de reconhecer seus próprios fracassos

Ironia das ironias, aquele que se dizia especialista em asfalto criou para si mesmo um campo minado. Cada buraco não tapado nas ruas se tornou uma metáfora da sua incapacidade de governar. Cada falha no sistema de saúde é mais um explosivo prestes a estourar em sua popularidade. E, para piorar, quando questionado sobre as críticas, responde de forma ríspida, chamando os cidadãos de "estúpidos". Estúpido, na verdade, é o governante que despreza as necessidades do povo e se fecha em um casulo de autoproteção, incapaz de reconhecer a dimensão de seus próprios fracassos.

Nota máxima a um desempenho tão pífilo

Chegamos a um ponto em que a esperança inicial virou descrédito. A imagem do general, que um dia representava disciplina e competência, hoje remete a improviso, isolamento e fracasso. Foz do Iguaçu merecia mais do que slogans de campanha e promessas ocas. Merecia, ao menos, que seus governantes reconhecessem os próprios erros antes de atribuir nota máxima a um desempenho tão pífilo.

Um ponto em que o discurso de austeridade virou sinônimo de descaso

Cinco vereadores parecem ovelhas no curral do general Silva e Luna



■ Ranieri Marchioro



■ Paulo Debrito



■ Sidnei Prestes



■ Cabo Cassol



■ Soldado Fruet

Enrique Alliana - Jornalista
Foto: Reprodução

A pergunta que fica é simples: até quando os iguaçuenses terão que suportar uma gestão que trata a saúde como se fosse manobra militar, onde vidas humanas são reduzidas a estatísticas e o sofrimento é empurrado para baixo do tapete? O general pode até acreditar que continua no comando, mas, na prática, o que vemos é uma cidade perdida, sem rumo, à mercê de uma administração que já nasceu em crise.

Sinônimo de descaso

Sim, chegamos a esse ponto. Um ponto em que o discurso de austeridade virou sinônimo de descaso. Um ponto em que um general de quatro estrelas se transformou em aprendiz de burocrata. Um ponto em que a saúde pública de Foz do Iguaçu não tem cadeira para idosos, mas tem cadeira cativa para o imprevisto e para o fracasso.

Ovelhas no curral do general

Agora, resta esperar que os tais "fiscais do povo", esses conhecidos como nobres vereadores, que juram representar os interesses da população, acordem do sono profundo em que parecem mergulhados.

Mas esperar deles é quase como acreditar em Papai Noel: bonito na teoria, ridículo na prática. Afinal, cinco deles já ostentam o título de fracassados de carteirinha: Ranieri Marchioro, Paulo Debrito, Sidnei Prestes, Cabo Cassol e Soldado Fruet.

Estes mais parecem cordeiros obedientes do general, prontos para serem abatidos pelo próprio servilismo, repetindo em coro o "sim, senhor" sem nem perceberem que já perderam o pouco de dignidade política que ainda tinham.

Na prática, ao invés de fiscais, são escudeiros da mediocridade, que preferem carregar a mochila do general do



que enfrentar a realidade dos iguaçuenses. Talvez achem que o silêncio os protegerá,

mas a população não é cega: percebe que, enquanto idosos deitam no chão de UPAs sem

cadeiras, vereadores deitam no colo do poder para garantir seus privilégios. Se não reagirem, não será apenas o fracasso do general a assombrá-los, mas a própria lápide política de cada um, gravada com letras garrafais: "Aqui jaz mais um cordeiro do rebanho do fracasso".

E assim termina mais um capítulo da tragicomédia política de Foz do Iguaçu. No palco, um general que se julga estrategista, mas tropeça no próprio campo minado; na plateia, vereadores que, em vez de aplaudir de pé, deveriam ter levantado a voz, mas preferem balir como ovelhas bem comportadas. E a cidade segue nesse teatro grotesco, onde a austeridade virou farsa, a saúde virou piada e a Câmara Municipal virou curral. A única dúvida que resta é: quando o sino tocar, quem sairá primeiro do rebanho, o general atolado no fracasso ou seus cordeiros fiéis, sacrificados pela própria ignorância?

Por que os deputados Vermelho e Giacobbo votaram a favor da PEC da "bandidagem"?

PEC da Blindagem seria um aval da bandidagem? Giacobbo já foi taxado por ser sequestrador e Vermelho condenado por corrupção

Enrique Alliana - Jornalista

Foto: Reprodução

A política brasileira é um palco de ironias. Uma delas ocorreu quando a Câmara dos Deputados decidiu votar a chamada PEC da Blindagem. Carinhosamente apelidada pelo povo como a "PEC da Bandidagem". O texto propôs que deputados, senadores e presidentes de partido só poderiam ser processados criminalmente com autorização do Congresso Nacional. Em outras palavras, trata-se de um "escudo jurídico institucionalizado" para quem já vive cercado por suspeitas, denúncias e condenações.

O mais intrigante, no entanto, foi a posição dos dois deputados federais de Foz do Iguaçu: Fernando Lúcio Giacobbo (PL) e Nelsi Coguetto Maria, o "Vermelho" (PP). Ambos disseram "sim" à proposta que soa como uma carta branca para a impunidade. A população iguaçuense se pergunta: Por quê? Teria sido convicção política? Alinhamento ideológico? Ou apenas a velha máxima de que "quem tem rabo preso teme o fogo?".

Fernando Lúcio Giacobbo: O deputado do sequestro esquecido

Voltaremos no tempo. No ano 2000, o nome de Fernando Lúcio Giacobbo aparece em uma investigação de sequestro e cárcere privado. O



caso beira o surreal. O gerente de uma fazenda José Adilson dos Santos foi mantido em cárcere por mais de 30 horas a mando do então empresário Fernando Giacobbo, desconfiado da autenticidade dos documentos de uma fazenda negociada.

Segundo os autos, Adilson foi trancado em uma concessionária de veículos em Cascavel e depois levado a uma propriedade rural no Mato Grosso do Sul. O episódio envolveu até ameaça de morte feita por um policial civil ligado a Giacobbo. O objetivo era claro. Pressionar o corretor para recuperar o sinal de R\$ 250 mil pago na transação. O dinheiro foi devolvido, mas o crime já havia sido consumado.

Com a investigação em andamento, e a eminência de uma decretação de prisão em desfavor de Fernando Giacobbo pelo crime de sequestro e cárcere privado pela Justiça do Paraná, suponha-se que Giacobbo teria se candidatado ao cargo de deputado federal nas eleições de 2002, para que assim se eleito, o processo ficasse sob a guarda do STF (Supremo Tribunal Federal) em decorrência do foro privilegiado. Dito e feito, eleito deputado federal Fernando Giacobbo obteve foro privilegiado.

Em 2003, o Ministério Público Federal denunciou o caso. Mas Giacobbo, eleito deputado federal em 2002, já havia conquistado aquilo que muitos políticos brasileiros en-

xergam como um "seguro de vida": o "foro privilegiado".

O processo foi parar no STF, onde ganhou o habitual tratamento de lentidão e tecnicidades jurídicas. Em 2009, a ação prescreveu. A ministra Ellen Gracie chegou a afirmar que havia provas da materialidade e autoria do crime, mas nada disso teve efeito. O resultado final foi o de sempre: esquecimento, impunidade e mais um mandato garantido.

Eis a pergunta que fica: um homem que já foi acusado de sequestro e cárcere privado teria algum interesse em limitar o alcance da Justiça sobre parlamentares? Seria coincidência que justamente ele tenha votado a favor da PEC da Blindagem?

Nelsi Coguetto Maria "Vermelho": o condenado que escapou pelo relógio

Se o caso de Giacobbo é grave, o de "Vermelho" é ainda mais constrangedor, porque envolve uma condenação confirmada. O deputado figurou como réu na "Operação Pecúlio", deflagrada pela Polícia Federal para investigar o maior esquema de corrupção da história de Foz do Iguaçu. A operação levou ao afastamento do então prefeito Reni Pereira, além da prisão de secretários, diretores e até 12 dos 15 vereadores da cidade.

No processo, Vermelho foi condenado por corrupção. O caso chegou ao Superior Tribunal de Justiça, que confirmou a condenação. Contudo, o "tempo, esse fiel escudeiro da impunidade brasileira", trabalhou a seu favor: a pena prescreveu. Ou seja, Vermelho foi oficialmente reconhecido como culpado, mas o Estado abriu mão de puni-lo porque simplesmente "demorou demais" para julgar.

Não é curioso que um político que já foi condenado por corrupção defenda uma PEC que dificulta ainda mais o julgamento de parlamentares? Talvez não seja coincidência, mas sim sobrevivência política. Afinal, quem já escapou uma vez da Justiça sabe o valor de ter uma blindagem oficial.

Deputados Giacobbo e Vermelho tentaram dar um aval para a bandidagem mas não deu certo

De um lado, temos Giacobbo, lembrado até hoje como "o sequestrador que virou deputado". De outro, Vermelho, "o corrupto que escapou pelo relógio da prescrição"

Enrique Alliana - Jornalista

Foto: Reprodução

Tecnicamente, a proposta estabelecia que nenhum deputado, senador ou presidente de partido poderia ser processado criminalmente sem o aval do Congresso. Isso equivale a dizer que o ladrão decidiria se deve ser julgado pelo roubo. O sequestrador teria o poder de votar se pode ou não responder por cárcere privado. O corrupto teria o direito de avaliar se deveria ser investigado pelo desvio de dinheiro público.

Não é a toa, que a população apelidou a medida de "PEC da Bandidagem". Trata-se de um mecanismo que inverteria a lógica democrática: em vez de os representantes do povo prestarem contas à Justiça, será a Justiça que terá de pedir permissão aos próprios acusados.

Os deputados de Foz do Iguaçu, Giacobbo e Vermelho votaram a favor. Talvez por ideologia, talvez por disciplina partidária, mas principalmente porque esse tipo de blindagem seria um sonho dourado para quem já teve as mãos sujas de processos criminais.

A ironia de Foz do Iguaçu

Foz do Iguaçu, uma das cidades mais importantes do Paraná, abriga as Cataratas do Iguaçu, símbolo de beleza natural e orgulho nacional. Mas seus representantes em



Brasília parecem seguir outra lógica: transformar o município em um reduto de políticos blindados, processados e condenados.

De um lado, temos Giacobbo, lembrado até hoje como "o sequestrador que virou deputado". De outro, Vermelho, "o corrupto que escapou pelo relógio da prescrição". Ambos, com o mesmo domicílio eleitoral, decidiram apertar o botão verde em favor da PEC da Blindagem.

A população se pergunta: será que eles legislam pelo bem da cidade, ou apenas pela sua própria sobrevivência?

Quem comete crime é criminoso

É simples. No Brasil, há uma tendência de tratar políticos acusados de crimes como se fossem personagens de novela, com direito a enredos

complexos e finais abertos. Mas a lógica é direta: quem comete crime é criminoso.

Se um cidadão comum sequestra alguém, vai para a cadeia. Se um trabalhador desvia dinheiro da empresa, é demitido e responde criminalmente. Mas quando o acusado veste terno e ocupa uma cadeira no Congresso Nacional, a narrativa muda. O tempo prescreve, o foro protege, a PEC blindava.

O recado para a sociedade

A aprovação da PEC da Blindagem, com votos de Giacobbo e Vermelho, é um recado claro à sociedade: os políticos querem se tornar intocáveis. E o que é mais alarmante, muitos deles já provaram na prática que têm motivos pessoais para apoiar a proposta.

Uma reflexão mostra que a



democracia brasileira pode sobreviver quando os próprios legisladores trabalham para se blindar da Justiça? Ou estamos caminhando para a institucionalização da impunidade?

A que ponto chegamos ao elegermos Giacobbo e Vermelho

A história de Fernando Giacobbo e Nelsi Coguetto Maria, o Vermelho, mostra que a PEC da Blindagem não é apenas uma proposta abstrata. Ela é o retrato de um Congresso que não legisla para o povo, mas para si mesmo.

De um lado, um deputado acusado de sequestro que escapou pela prescrição. Do outro, um deputado condenado por corrupção que se salvou pelo relógio processual. Ambos, hoje, unidos em Brasília para aprovar uma lei que dificultará ainda mais a puni-

ção de parlamentares.

A pergunta que ecoa nas ruas de Foz do Iguaçu é dura, mas inevitável: até quando a população aceitará ser representada por sequestradores e corruptos?

CCJ do Senado rejeitou PEC da Blindagem por unanimidade

Após a aprovação no Congresso Nacional, a CCJ do Senado rejeitou, por unanimidade, a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) da Blindagem. Todos os 26 senadores da CCJ votaram para rejeitar completamente a PEC.

A proposta previa autorização prévia da Câmara ou do Senado, por meio de voto secreto, para processar criminalmente deputados e senadores. Os deputados Giacobbo e Vermelho ficaram chupando o dedo.

Câmara: Seria o sujo denunciando o mal lavado?

A ironia é irresistível: O assessor falsário denunciando o vereador que o nomeou. A corrupção apontando o dedo para a imoralidade. O sujo acusando o mal lavado

Enrique Alliana - Jornalista

Foto: Reprodução

Em Foz do Iguaçu, a política parece cada vez mais um teatro tragicômico onde os papéis de mocinho e vilão se confundem conforme a conveniência do roteiro. E no mais recente capítulo dessa novela moral chamada "ética pública", dois personagens dividem o palco: o vereador Ranieri Marchioro e seu ex-assessor Leandro da Silva Pinto.

Um, representante da nova "moralidade conservadora"; o outro, blogueiro de reputação duvidosa, condenado pela Justiça Eleitoral por crimes cometidos nas eleições de 2024. Ambos unidos por um laço que começa na política e termina na lama. E é justamente por isso que a pergunta ecoa nas ruas e nas redes: seria o sujo denunciando o mal lavado?

Para entender o tamanho do enredo, é preciso voltar um pouco no tempo. Leandro Pinto ganhou notoriedade como um dos mais barulhentos defensores do então candidato General Joaquim Silva e Luna, nas eleições de 2024. Com o típico fervor dos "soldados digitais" da extrema-direita, ele atacou adversários, desrespeitou decisões judiciais, afrontou a imprensa e vestiu a camisa do bolsonarismo local com orgulho quase fanático.

Resultado

O resultado foi condenado pela Justiça Eleitoral. Mas, ironicamente, meses depois,



quem surge como seu padrinho político? Ninguém menos que o vereador Ranieri Marchioro, aliado fiel do general.

Em janeiro de 2025, Leandro Pinto foi nomeado assessor parlamentar do vereador Ranieri, com salário de R\$ 11.700,00, um valor alto até para quem se apresentava como "defensor da moral e dos bons costumes". O cargo exigia ensino médio completo, mas, como a política iguaçuense adora surpresas, descobriu-se que o novo assessor não tinha sequer concluído o ensino fundamental. E o diploma apresentado? Falso. Uma falsificação grosseira, como revelou a auditoria da Câmara Municipal.

Durante quatro meses, Leandro Pinto recebeu salário público sem preencher o requisito básico para ocupar o

cargo. E o mais curioso: o próprio vereador, tão zeloso nas redes sociais e tão moralista nos discursos, alegou que "não sabia de nada". Alegar ignorância virou escudo para o inescusável. Mas há algo de podre no discurso, virou cheiro podre e se espalhou rápido.

Em abril, a Câmara Municipal de Foz do Iguaçu, presidida por Paulo Debrito (PL), base aliada do prefeito General Silva e Luna detectou irregularidades em documentos de servidores comissionados. Entre eles, o nome de Leandro Pinto saltou aos olhos. A auditoria apontou para a falsificação do diploma e instaurou um procedimento administrativo disciplinar. A denúncia era clara: uso de documento falso, crime previsto na legislação municipal e no Código Penal.

Diante da situação, Ranieri agiu rápido, ou fingiu agir. No dia 1º de maio de 2025, solicitou a exoneração do assessor, tentando dar ao caso um ar de correção moral. No papel, a justificativa foi que o próprio assessor reconheceu a irregularidade. Na prática, era o clássico "salve-se quem puder". A Portaria nº 167/2025 oficializou a exoneração, retroativa ao dia 30 de abril, na tentativa de limitar o dano político. Mas era tarde demais. O escândalo já estava exposto.

Pouco depois, a Câmara confirmou o óbvio. O diploma era falso. E o Ministério Público do Paraná pediu a devolução dos R\$ 48.620,23 pagos indevidamente a Leandro. O golpe final veio em junho, quando a Secretaria de Estado da Educação do estado do Paraná atestou que o

ex-assessor sequer havia concluído o ensino fundamental. Ou seja, não havia boa-fé, erro ou mal-entendido, havia fraude intencional.

Mesmo diante disso, Leandro Pinto ainda teve a audácia de recusar o acordo de não persecução criminal (ANPC) oferecido pelo Ministério Público, que previa o pagamento de uma multa de apenas R\$ 3 mil. Recusou-se a admitir o erro. Preferiu enfrentar o processo judicial, talvez acreditando que, como em outras épocas, a impunidade viria pela porta dos fundos da política.

Mas o roteiro deu uma guinada inesperada. E em setembro de 2025, o mesmo Leandro Pinto que entrou pela porta da frente de Ranieri Marchioro na Câmara Municipal de Foz do Iguaçu, voltou para atirar pedras na vitraça do ex-patrão. Protocolou uma denúncia por quebra de decoro parlamentar, contra o vereador. O plenário, por 9 votos a 4, acatou a representação, que seguiu para o Conselho de Ética e Decoro Parlamentar. A relatora sorteada foi a vereadora Valentina Rocha (PT), e o vereador foi notificado para apresentar defesa.

A ironia é irresistível: O assessor falsário denunciando o vereador que o nomeou. A corrupção apontando o dedo para a imoralidade. O sujo acusando o mal lavado. E o povo, que deveria ser o verdadeiro patrão desses senhores, assistindo perplexo ao espetáculo da hipocrisia.

Vereador e ex-assessor, ambos envolvidos com o crime

Ranieri eleito sob o guarda-chuva do bolsonarismo local, prometia moralizar a política. O que era "Deus, Pátria e Família". Mas a realidade se revelou mais próxima de outro lema: "Deus, Pátria e Falcatrua"

Enrique Alliana - Jornalista

Foto: Reprodução

Mais grave ainda é o contexto político que sustenta essa farsa. Ranieri Marchioro, eleito sob o guarda-chuva do bolsonarismo local, prometia moralizar a política, acabar com "as velhas práticas" e defender o trio sagrado do populismo conservador: "Deus, Pátria e Família". Mas a realidade se revelou mais próxima de outro lema: "Deus, Pátria e Falcatrua". O discurso da ética virou retórica vazia, usada apenas enquanto útil para o marketing eleitoral.

O caso levanta perguntas incômodas: quem realmente indicou Leandro Pinto ao cargo? Foi o próprio vereador? Ou teria sido uma imposição do general Joaquim Silva e Luna? A quem Leandro Pinto sempre defendeu com unhas e dentes durante a campanha? Afinal, não é segredo que o general tem influência direta sobre os parlamentares de sua base, e Ranieri, até pouco tempo, era um de seus fiéis escudeiros. Se a nomeação partiu do alto, o vereador foi cúmplice ou apenas subordinado de um esquema de favores políticos?

O mais cômico, ou trágico, é que Leandro Pinto e Ranieri Marchioro só se tornaram inimigos depois da exoneração. Enquanto os dois estavam juntos, a parceria era silenciosa e lucrativa. Mas bastou o dinheiro parar de cair na conta para que os aliados se tornassem



inimigos mortais. É o retrato fiel de uma política onde a lealdade dura o tempo do contracheque.

Agora, com a denúncia nas mãos da 1ª Vara da Fazenda Pública, o juiz Rodrigo Luiz Giacomini decidirá se aceita ou não a acusação contra Leandro. Caso seja condenado, ele poderá perder direitos políticos, devolver os valores recebidos e ser proibido de ocupar cargos públicos. Já o vereador Ranieri, por sua vez, poderá enfrentar processo ético, afastamento e até cassação. Um destino previsível para quem acreditou que a "nova política" era apenas uma farda para vestir sobre as velhas práticas de sempre.

Enquanto isso, o discurso moralista da direita local vai

ruindo. O vereador que dizia combater "os corruptos do passado" agora é investigado por negligência e possível convivência com crime de falsidade ideológica. O ex-assessor, que se apresentava como paladino da verdade e soldado da pátria, é acusado de enganar o próprio Estado com um diploma forjado. A direita, que se dizia a guardiã da moral, revela-se, mais uma vez, moralmente falida.

O episódio é simbólico de algo maior: o fim da ilusão do bolsonarismo local como movimento ético. O que se prometia como renovação virou reincidência. O que se vendia como patriotismo virou oportunismo. O que se gritava nas ruas como "Deus acima de tudo" aca-

bou se mostrando como "interesse acima de todos".

A verdade é que nem o Vereador Ranieri Marchioro e nem Leandro Pinto podem posar de vítimas. Um nomeou sem verificar; o outro falsificou sem vergonha. Um se diz traído; o outro, injustiçado. No fundo, ambos são produtos da mesma cultura política que naturaliza o crime, desde que o criminoso esteja "do lado certo". E, quando os interesses se chocam, o castelo de areia desaba. Isso levando junto a credibilidade de quem jurava ser exemplo de moralidade.

Hoje, a Câmara de Foz vive a expectativa de ver o vereador enfrentar o Conselho de Ética. Se for afastado, terá tempo para refletir, talvez por quatro meses, so-

bre o que realmente significa ser representante do povo. Sobre o valor da verdade. E, sobretudo, sobre o limite entre o discurso e a prática.

O caso Leandro Pinto e Ranieri Marchioro é um espelho da decadência de uma geração política que trocou a ideologia pela conveniência e a fé pela manipulação. Mostra que os paladinos da "nova direita" não são diferentes dos corruptos que eles tanto criticavam. Apenas mais barulhentos, mais cínicos e, às vezes, mais amadores.

No fim das contas, talvez a pergunta inicial tenha resposta simples: sim, o sujeito denunciou o mal lavado. E o povo, mais uma vez, ficou com o pano na mão, tentando limpar a sujeira que não fez.

Como é a direita nos dias de hoje? Seria a continuidade do fascismo?

"Achismo": Achar que sabe, achar que entende, achar que pode desmentir séculos de ciência, história e pesquisa apenas com um meme ou uma frase de efeito. Para alguns achar, hoje, é mais importante do que estudar.

Enrique Alliana - Jornalista

Foto: Reprodução

Muitos perguntam se a direita contemporânea é apenas uma versão reciclada do fascismo. A resposta, talvez incômoda, é que, em essência, ela mantém os mesmos traços que seriam o autoritarismo, a intolerância, culto à força, ódio à diferença e um desprezo sistemático pela história e pela razão.

O fascismo clássico, aquele dos anos 1920 e 1930, foi definido pela ditadura, pela repressão violenta e pela manipulação das massas através do nacionalismo exacerbado. Hoje, ele não precisa mais de camisas pretas marchando nas ruas ou de discursos inflamados em praças lotadas.

O fascismo moderno (direita) veste terno, fala em "liberdade", posa de democrata. Mas mantém a mesma essência autoritária e a mesma incapacidade de conviver com a pluralidade.

A diferença é que, se antes o fascismo se estruturava em ideologias e projetos de poder, agora ele se esconde atrás do "achismo". A velha máxima fascista, de que a razão é menos importante do que a obediência cega ao líder, foi substituída pela crença de que a opinião pessoal tem mais peso que fatos, livros ou documentos históricos.

O fascismo se moldou ao nosso tempo, virou "achismo", e encontrou nas redes sociais o palco perfeito para gritar certezas sem provas.

Vivemos a era dos "espe-



cialistas em opinião". A direita contemporânea, em sua versão mais ruidosa, transformou o ato de "achar" em dogma. Achar que sabe, achar que entende, achar que pode desmentir séculos de ciência, história e pesquisa apenas com um meme ou uma frase de efeito.

Achar, hoje, é mais importante do que estudar. Por isso, não surpreende que muitos de

seus líderes e seguidores desprezem a universidade, a imprensa, a arte e qualquer espaço que exija reflexão. Afinal, pensar dá trabalho; achar é rápido, fácil e gera aplausos.

Esse achismo não é inofensivo. Ele gera políticas públicas baseadas em preconceito, discursos de ódio travestidos de "opinião pessoal", revisionismo histórico que tenta reescrever ditaduras como pe-

ríodos de ordem, e ataques às instituições democráticas sempre que estas não servem aos interesses imediatos de quem "acha" que está certo. O fascismo de ontem queimava livros; o de hoje os ignora e substitui pelo WhatsApp.

A direita atual se alimenta desse abismo entre história e opinião. Seus líderes incentivam a descrença na memória coletiva: negam a ditadura, re-

lativizam o nazismo, ridicularizam a luta de minorias. É a mesma lógica fascista, mas agora com outra máscara: a da falsa liberdade de expressão, que serve apenas para proteger a própria ignorância e sufocar quem ousa confrontá-la com fatos. Quando a direita grita "eu acho", o que ela realmente diz é "não me importo com a realidade".

Entre o fascismo e o achismo há um fio condutor. A recusa ao conhecimento como ferramenta de emancipação. O fascismo do século XX se impôs pela violência; o fascismo disfarçado de hoje se impõe pelo ridículo, pela desinformação e pelo desprezo consciente ao saber. Em ambos os casos, a consequência é a mesma. Uma sociedade manipulada, onde a verdade é substituída pela conveniência.

O perigo maior é que o achismo parece inofensivo, mas mina lentamente a democracia. Quando tudo é opinião e nada é fato, quando a ignorância vale tanto quanto o conhecimento, abre-se espaço para qualquer tipo de autoritarismo. Porque, no fundo, é mais fácil manipular quem acha do que quem sabe.

Portanto, a pergunta inicial encontra sua resposta. Sim, a direita de hoje é a continuidade do fascismo. Não mais pela farda e pela força bruta, mas pelo desprezo à verdade e pelo culto ao achismo. Fascismo e achismo são duas faces da mesma moeda. Ambas sufocam a liberdade, corroem a democracia e transformam a ignorância em virtude.

Fernando Duso teria feito promessas para dois santos? Um vai ser traído?

Se Judas traiu por 30 moedas, hoje alguns fazem isso por uma nomeação de gabinete. Dois patrões, duas promessas, duas chances de puxar o tapete. É a velha arte de rezar para dois santos, com a certeza de que, no mínimo, um deles acabará traído

Enrique Alliana - Jornalista

Foto: Reprodução

A vida é feita de escolhas, algumas nos elevam, outras nos afundam. Desde sempre a humanidade convive com a sombra da traição. Não é novidade. Afinal até Jesus, símbolo maior da fé, foi traído por quem caminhava ao seu lado.

Se na esfera espiritual isso já escandaliza, no terreno político torna-se rotina banalizada. A política parece ter institucionalizado a infidelidade. Assessores, que deveriam ser a base de confiança de um líder, muitas vezes se transformam em inimigos silenciosos, prontos para vender informações, mudar de lado ou simplesmente abandonar o barco em troca de vantagens pessoais.

O poder, sedutor como moeda rara, revela fraquezas e expõe o pior dos vínculos humanos que é a incapacidade de ser leal.

Fernando Duso

No Partido dos Trabalhadores, a palavra "fidelidade" é repetida em discursos como se fosse um dogma, mas na prática vale menos que nota de



três reais. A cada eleição, o "companheirismo" é colocado à prova, quase sempre acaba em fracasso.

O caso de Fernando Henrique Triches Duso é uma aula prática de como a política transforma a traição em esporte olímpico. Oficialmente, ele é Secretário Parlamentar (SP03) de Zeca Dirceu (PT),

mas deu um jeitinho de emplacar seu ex-chefe de gabinete, José Nivaldo Donato, como assessor do deputado Elton Welter.

Dois patrões, duas promessas, duas chances de puxar o tapete. É a velha arte de rezar para dois santos, com a certeza de que, no mínimo, um deles acabará traído. Ou os dois.

Fernando Duso não é exceção: é apenas mais um exemplar de uma fauna política que vive de duplicidade. Se Judas traiu por 30 moedas, hoje alguns fazem isso por uma nomeação de gabinete. E a diferença é que Judas, ao menos, ficou para a história; já esses políticos de bastidor mal conseguem ga-

rantir uma nota de rodapé.

A lealdade virou mercadoria barata, e a traição, moeda corrente. O eleitor, claro, segue assistindo ao espetáculo como quem vê um circo decadente, pagando caro por um ingresso que só oferece palhaços repetidos.

Na prática, Fernando Duso encarna o papel do "equilibrista do oportunismo": um pé no gabinete de Zeca, outro no de Welter, e ambos em terreno escorregadio. A cena lembra um leilão: quem pagar mais em cargos e promessas, leva a fidelidade temporária. Mas cuidado: fidelidade em Brasília é como carro usado, sempre vem com vícios ocultos.

No fim, a política mostra sua essência podre: não é só o discurso vazio que enjoa, mas a naturalização da traição como ferramenta de carreira. Fernando Duso pode até achar que está jogando xadrez, mas a história mostra que, nesse tabuleiro, os pedões que tentam ser reis acabam esmagados. Afinal, a vida é feita de escolhas, e alguns escolhem ser Judas de luxo, especialistas em traír até o santo de barro mais devoto.

ker japa EXPRESS

Faça seu pedido

☎ 99942-7661 📞

facebook.com/ker.japa.express

@kerojapaexpress



BEM-VINDO AO MÊS DE OUTUBRO

AQUI NA NTEC, O MÊS JÁ COMEÇOU COM MUITO CONTEÚDO E INFORMAÇÃO ÚTIL PARA VOCÊ E O SEU NEGÓCIO!

Confira os temas que vamos abordar:

1. Nova plataforma de Gestão da prefeitura de Foz do Iguaçu
2. Quero abrir um MEI mas sou sócio de uma empresa
3. Quando posso retirar lucro da minha empresa?
4. O que acontece se eu retirar lucro de forma irregular da minha empresa?

SIGA-NOS NO INSTAGRAM
@NTECCONTABILIDADE



FIQUE POR DENTRO DOS
PRINCIPAIS ASSUNTOS
CONTÁBEIS DO MÊS!

Parque Nacional do Iguaçu recebeu mais de 157 mil pessoas em setembro

Urbia Cataratas — PNI

Foto: Mariana Kissel

O Parque Nacional do Iguaçu, lar das Cataratas do Iguaçu, registrou a visita de 157.727 pessoas de 114 nacionalidades em setembro. O número supera em 4,5% o total registrado no mesmo período do ano passado, quando 150.933 pessoas vieram até o atrativo, e segue a tendência de crescimento na visitação já contabilizada nos meses anteriores neste ano. No acumulado de três trimestres, a unidade de conservação já recebeu 1.479.143 visitantes, quantidade 10,10% maior se comparada aos 1.343.400 visitantes no mesmo período de 2024.

O CEO da Urbia Cata-

tas, concessionária responsável pela gestão da visitação no Patrimônio Mundial Natural, Mario Macedo Junior, ressaltou que o crescimento registrado é resultado do trabalho da equipe e da força do destino Foz do Iguaçu. “Esse marco reafirma o Parque Nacional do Iguaçu como um atrativo de referência mundial e a cidade como um destino preferido por turistas de todas as partes. Assim, mais do que números, são milhares de pessoas se conectando com a natureza, em busca de experiências únicas e enriquecedoras, sempre acompanhadas de um atendimento de excelência e do compromisso permanente com a conservação ambiental”, comemora.



Novidades no parque

O crescimento na visitação também é um reflexo dos investimentos que a Urbia Cataratas vem realizando na unidade de conservação. Aproximadamente R\$ 600 milhões que serão convertidos em novas atrações e revitalização de

espaços até 2030 já estão em andamento. Novas trilhas, ciclovia pavimentada, experiências exclusivas como o Amanhecer, o Pôr do Sol e o Céu das Cataratas, além do serviço de bicicletas, vêm ampliando e diversificando a oferta ao visitante. Logo, esses avanços já contribuem para atrair mais

pessoas e consolidar o parque como referência mundial em turismo responsável.

Nacionalidades em destaque

Os brasileiros lideram o ranking, com 83.650 viajantes (53% do total). Em seguida aparecem os argentinos (37.344) e paraguaios (4.634), formando o pódio. Os Estados Unidos são responsáveis por 3.428 visitantes, seguidos da Alemanha, com 3.020; Uruguai, 2.918; Espanha, 2.053; França, 1.581; Chile, 1.553; e Peru, com 1.400, completando os dez maiores países de origem.

Mais informações:

contato@catarataspni.com.br
www.cataratasdoiguacu.com.br

PARANÁ,

O IPVA MAIS BARATO DO BRASIL



45%

DE DESCONTO

3,5% em 2025

1,9% em 2026

3,4 milhões de pessoas beneficiadas

É oficial: o Governo do Paraná assinou a lei que vai fazer você economizar quase a metade do preço no IPVA do seu carro em 2026. Para se ter uma ideia: um carro no valor de R\$ 50 mil, que o IPVA custava R\$ 1.750,00, agora vai sair por R\$ 950,00.

Um baita desconto!

Saiba mais em pr.gov.br



PARANÁ

GOVERNO DO ESTADO

Terra de gente que trabalha e cuida



NA MARCA DO PENALTI

Jornalista: Abilio Henrique Bottega - 0012882/PR MTB

TAÇA FPF

Foz do Iguaçu F.C, perde no estádio do ABC pela terceira rodada da Taça FPF

Com gol sofrido no apagar das luzes, após vacilo da zaga, o azulão conheceu sua primeira derrota na competição

O time da fronteira recebeu o Azuriz de Pato Branco neste domingo (28), no Estádio do ABC, em duelo válido pela 3ª rodada da Taça FPF. Em uma partida que a equipe foi superior o jogo inteiro com boas chances criadas, o Azulão da Fronteira acabou superado pelo placar de 1 a 0, sofrendo o gol após o zagueiro Guilherme Truys tocar a bola nos pés do adversário nos minutos finais do confronto.



Hiago conduzindo a bola no ataque



As melhores chances do Azulão foram com Lucão

Foto: Franz Amorim - Foz F.C

O Jogo

No primeiro tempo, o Azulão quase abriu o placar aos 11 minutos, em jogada trabalhada por Menezes, Alex Rocha e Uberaba, que finalizou de letra para boa defesa do goleiro adversário. A etapa inicial foi marcada por equilíbrio, mas o Foz precisou fazer uma alteração forçada: João Souto entrou no lugar de Diego após o goleiro sentir lesão no posterior da coxa.

No segundo tempo, o Foz intensificou a pressão e criou diversas oportunidades. Uberaba, de cabeça, quase marcou aos 7 minutos, e Thyller arriscou forte chute de fora da área aos 18, levando perigo. Lucão e Kaká saíram do banco de reservas e também protagonizaram boas chegadas, com a entrada da dupla o time ficou mais ofensivo com destaque para

a jogada em que Lucão driblou o goleiro, mas a finalização foi interceptada. Aos 39, o atacante voltou a levar perigo em chute colocado de fora da área, mas o goleiro do Azuriz, Gabriel Buzzetto, que passou pelo Foz F.C na temporada passada sendo o terceiro goleiro na divisão de acesso, fez o milagre, assim como na cabeça de Truys, logo na sequência.

Apesar das boas chances criadas, foi o Azuriz quem marcou aos 44 minutos, definindo o placar em 1 a 0. O Foz ainda tentou com Giovane nos acréscimos, mas a bola saiu por cima do gol.

Mesmo com o resultado, o Azulão da Fronteira segue na zona de classificação da Taça FPF e folga na próxima rodada voltando a campo na capital do estado contra o Coritiba, no dia 11 de outubro.


0 - 1


ESCALAÇÃO

Foz F.C
Foz do Iguaçu: 1-Diego; 2-Alex Rocha, 3-Guilherme Truys, 4-Thiago Nunes, 13-Thyller e 6-Tiago Brito; 5-Nikollas, 8-Menezes, 22-Giovane e 10-Hiago; 18-Marcus Uberaba. Técnico: Daniel Rocha.

Reservas
(12-João Souto) 23-Trento, (21-Rubens) 7-Daniel, 14-Serginho, (16-Freddy) 17-Vitinho, (9-Lucão), 15-Wellington Silva, 19-Sorriso, (20-Kaká) 11-Fernandinho

Azuriz
Azuriz: 1-Gabriel Buzzetto; 22-Williams Bahia, 4-Ary Garcia, 13-Brunão e 6-Vinício; 5-Gabriel Davis, 8-João Felipe, 7-Marquinhos, 11-Lucas Matheus e 20-Gabriel Santos; 9-Dioran. Técnico: Everson Cerisoli.

Gols: Luizão 44' 2T (Azuriz)
Público Pagante: 462
Cartão Amarelo: Não informado.
Cartão Vermelho: Não houve.
Local: Estádio ABC, em Foz do Iguaçu.
Horário: 15h30
Data: 28/09/2025
Rodada: 1ª FASE - GRUPO B - 3ª
Competição: Taça FPF

CONVITE PARA LANÇAMENTO DE LIVRO

Roberto Costa convida para o evento de lançamento de sua biografia

Data: 10/10/25
Horário: 18h - 21h

LOCAL: NA ARENA DO ATHLETICO NA CHOPERIA BRAHMA.







f Abilio Henrique Bottega
 @bottega_77
 Bottega77 @futebolista2
 Abilio Henrique Bottega

Para sugestões de pautas,
 críticas e elogios entre
 em contato
 abiliobottega@hotmail.com

Idalia
 Kalks



CAMPEONATO PARANAENSE 2026

A elite do futebol Paranaense do ano que vem terá nova forma de disputa e redução de datas na competição

O Campeonato Paranaense 2026 apresentará mudanças em relação à edição deste ano

GRUPO A		GRUPO B	
ATHLETICO	CASCADEL	ANDRAUS	AZURIZ
FOZ DO IGUAÇU	LONDRINA	CIANORTE	CORITIBA
MARINGÁ	SÃO JOSEENSE	GALO MARINGÁ	OPERÁRIO

Em reunião com os 12 clubes participantes com a Federação Paranaense de Futebol ficou pré-definida a nova forma de disputa da próxima temporada do estadual.

As equipes serão divididas em dois grupos na primeira fase. Os times do Grupo A enfrentam as equipes do Grupo B. Os quatro melhores de cada chave avançam às quartas de final que serão disputadas em jogos de ida e volta, bem como as semifinais e as finais.

As quatro equipes eliminadas na primeira fase vão se enfrentar em uma espécie de "Torneio da Morte", para definir os dois rebaixados à Segunda Divisão do Paranaense de 2027.

Com isso, o Campeonato Paranaense

2026 terá 12 datas. Para efeito de comparação o estadual contou com 17 datas em anos anteriores. A redução vai de encontro com o planejamento da CBF para o calendário do próximo ano no futebol brasileiro. Em virtude da Copa do Mundo de 2026, nos Estados Unidos, Canadá e México.

O novo formato proposto pela FPF foi bem aceito pelos clubes e foi ratificada no Conselho Arbitral, no dia 1º de outubro, em Ponta Grossa.

Relembrando que Galo Maringá e Foz do Iguaçu subiram da segundona e entram nas vagas de Paraná Clube e Rio Branco, rebaixados neste ano. O pontapé inicial está marcado para 10 de Janeiro de 2026.



Luis Pereira concorre a diretor nacional do Sindireceita e tem plano político para 2026

Com 37 anos de carreira na Receita Federal do Brasil e mais de 16 atuando no sindicato dos analistas tributários, ele também é aclamado para delegado sindical de Foz

Da assessoria

Foto: Divulgação

O analista-tributário da Receita Federal do Brasil, hoje aposentado Luis Pereira concorre ao cargo de Diretor de Assuntos Aduaneiros em nível nacional pelo Sindireceita. A eleição do Sindicato Nacional dos Analistas Tributários da Receita Federal do Brasil acontece entre os dias 8 e 10 de outubro e deve mobilizar cerca de 15 mil servidores em todo o país, dos quais aproximadamente 200 atuam na região de Foz. Em nível nacional são três chapas, mas no mesmo pleito a categoria deve confirmar o nome de Pereira como delegado sindical na cidade, concorrendo em chapa única.

Com trajetória de mais de 37 anos na Receita Federal e 16 de atuação sindical, Luis Pereira é um dos nomes históricos do movimento em Foz. Por dez anos ele foi delegado sindical local e, atualmente, é delegado adjunto. "Eu sempre estive ligado ao sindicato. Sou um dos fundadores aqui em Foz e também no âmbito nacional. Desde o início da carreira, em 1985, eu acompanhei e ajudei a construir a nossa representação", recorda.

Segundo Pereira, a escolha do seu nome para integrar a chapa nacional reflete o trabalho realizado na fronteira. "Fui escolhido entre 15 mil analistas para ser um dos candidatos, e isso se deve à nossa história de mobilização em Foz do Iguaçu. Tivemos conquistas importantes, como a indenização de fronteira, que ajuda a manter os analistas na região com melhor remuneração, a regulamentação do porte de arma e o reconhecimento da periculosidade para



quem atua na Ponte da Amizade e no combate ao contrabando e descaminho", afirmou.

Luis Pereira destaca ainda a importância estratégica da aduana local. "Foz do Iguaçu é a aduana mais movimentada da América Latina. Tudo que acontece aqui tem reflexo nacional. É por isso que a nossa atuação sindical é tão importante, porque defender os analistas nessa fronteira significa fortalecer a Receita Federal

em todo o país".

Pereira lembra que a trajetória profissional também esteve sempre vinculada à fronteira. "Vim para Foz do Iguaçu com 19 anos. Trabalhei na segurança da Itaipu logo depois do serviço militar e em 1984 entrei na Receita Federal, primeiro como auxiliar de controle de carga e depois como analista-tributário. Passei 37 anos na aduana de Foz, sem nunca sair daqui. Casei,

criei meus filhos, e há 41 anos tenho minha vida ligada à cidade", contou.

Mesmo aposentado há três anos, ele reforça que continua atuando em defesa da categoria. "Eu poderia ter parado, mas acredito que ainda posso contribuir. Quero dar esse passo a mais porque conheço a realidade da fronteira, sei das dificuldades e das necessidades dos colegas e tenho condições de levar essa experiên-

cia para a direção nacional", disse.

Projeto político

Além da atuação sindical, Luis Pereira tem histórico de participação política em Foz. Em 2010 e 2011, liderou um grupo que fortaleceu o então PTN na cidade, conseguindo resultados expressivos nas eleições municipais. "Pegamos um partido sem representatividade e conseguimos, em duas eleições seguidas, quase 10% dos votos da cidade. Elegemos vereadores como Coquinho, Anice e Darci DRM, além de outros suplentes que vieram a assumir como o Coronel Jahnke, Marcelinho Moura e o Kako da Vila C. Foi uma história muito bem-sucedida que mostrou a força da mobilização", lembrou.

Ao analisar o cenário político atual, ele defende a renovação das lideranças locais. "Foz precisa acreditar em gente da cidade. Já tivemos prefeitos que vieram de fora e o resultado não foi bom. A população carece de novos nomes e acredito que temos pessoas capacitadas em Foz do Iguaçu para dirigir o município e representar o povo com dignidade", avaliou.

Mesmo sem filiação partidária no momento, Pereira revela que tem planos políticos. "Tenho sido convidado para assumir partidos em Foz, inclusive de siglas de grande relevância nacional". Reconhecido como articulador político, ele comenta sobre uma possível pré-candidatura a deputado. "Quero avaliar com calma e tomar uma decisão no tempo certo. O que me guia é sempre pensar no que será melhor para a cidade e para a categoria", afirmou.